

Jorge Kanehide **JUIM**; Géssica Gabrieli **VALENTINI**  
Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil

## A vivência do cotidiano como forma de construção da realidade

La experiencia de la vida  
cotidiana como una forma de  
construcción de la realidad

The experience of daily life as a  
form of construction of reality

Recebido em: 29 abr. 2011

Aceito em: 21 jun. 2011

Jorge Kanehide Ijuim é doutor em Ciências da Comunicação/Jornalismo pela USP e professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC.  
Contato: [ijuim@cce.ufsc.br](mailto:ijuim@cce.ufsc.br)

Géssica Gabrieli Valentini é mestranda em Jornalismo pela UFSC.  
Contato: [gessicavalentini@yahoo.com.br](mailto:gessicavalentini@yahoo.com.br)

## RESUMO

---

O objetivo deste artigo é ressaltar a importância da vivência como atributo da reportagem e do jornalista como sujeito da história. Os resultados foram obtidos por meio de uma experiência baseada em quatro reportagens construídas a partir de diferentes formas de apuração: a entrevista, a observação participante, a observação não-participante e, por fim, as três técnicas juntas. A proposta partiu da constatação de que veículos como a revista *piauí* expressam como parâmetro o privilégio do relato e conseguem bons resultados, o que, no entanto, não é uma prática comum na imprensa. Por outro lado, os exemplos demonstram que é possível vivenciar a realidade de diferentes formas, como alternativa ao jornalismo contemporâneo.

**Palavras-chave:** fundamentos do jornalismo; narrativas; apuração.

## RESUMEN

---

El objetivo de este artículo es destacar la importancia de la experiencia como un atributo de reportaje y del periodista como sujeto de la historia. Los resultados se obtuvieron de una experiencia en cuatro relatos construidos con diferentes formas de comprobación: la entrevista, la observación participante, la observación no participante y, por último, las tres técnicas. La propuesta surgió de la observación de que los medios como la revista *piauí* expresan como parámetro el privilegio del informe narrativo y pueden obtener resultados buenos, que, sin embargo, no es una práctica común en la prensa. Pero los ejemplos ponen de manifiesto que vivir la realidad de diferentes formas es una alternativa al periodismo contemporáneo.

**Palabras clave:** fundamentos del periodismo; narrativas; comprobación.

## ABSTRACT

---

This paper aims to highlight the importance of experience as an attribute of the news article and the journalist as subject of history. The results had been obtained in an experiment made of four news articles written by using different forms of verification: interview, participant observation, non-participant observation and, finally, the three techniques together. The proposal is based on the fact that media such as *piauí* magazine express the privilege of the story as parameter and do obtain good results, despite this not being a common practice in the press. On the other hand, our examples demonstrate that it is possible to live deeply the reality in different forms, as alternative to the present-day journalism.

**Keywords:** fundamentals of journalism; storytelling; verification.

## Introdução

Este trabalho experimenta a margem, a terceira margem, tal como o pai que decide partir para o rio, no conto de Guimarães Rosa – *À Terceira Margem do Rio* (2005). O conto de Rosa ilustra, metaforicamente, aspectos da prática jornalística como o fato de algumas pautas, formas de apuração e linguagem serem repetidas à exaustão, enquanto outras ficam relegadas à margem do próprio jornalismo.

Diante desta constatação, ancorada por autores como Walter Benjamin (1994), Cremilda Medina (1986, 1988, 2006, 2008), Marcelo Bulhões (2007), entre outros, nos debruçamos sobre técnicas mais comuns, como a entrevista, mas também outras como a observação participante e não-participante, menos utilizadas, que podem ser alternativas para diversas situações do cotidiano jornalístico.

A primeira parte da pesquisa foi desenvolvida em estudos anteriores na Universidade Federal de Santa Maria, em 2008. Foram dois meses para a preparação do projeto, dois para a apuração e um mês para elaboração de reportagens. A análise foi ampliada posteriormente, na Universidade Federal de Santa Catarina, com a integração do estudo de caso da revista *piauí*, inspiração para a construção das reportagens e exemplo para pautas, enfoques e formas de linguagem e apuração singulares.

Neste artigo, procuramos relacionar a experiência das reportagens com os exemplos da revista, refletindo sobre as múltiplas possibilidades na construção de narrativas, e, além disso, demonstrar que é possível utilizar métodos e seguir caminhos semelhantes, sem necessariamente estar em um veículo de comunicação como a *piauí*.

Assim como na revista estudada, na experiência das reportagens cada fonte foi chamada de personagem e a técnica para cada um foi escolhida de acordo com as possibilidades na apuração. Não seria viável, por exemplo, utilizar a observação participante com o jogador de futebol, pois não seria permitido ingressar em um time de futebol masculino. Tampouco a observação seria a opção, já que o mais importante é a história que antecedeu os 1000 gols da carreira como jogador do chamado futebol de várzea. Por isso, com ele foi realizada a entrevista.

Já o vendedor de carrapinha (nomeação dada no Rio Grande do Sul para o amendoim coberto com açúcar) foi considerado pertinente para a observação participante, pois desenvolve uma atividade possível de ser experimentada.

Por fim, à estátua viva, por se tratar de um ator, em um papel específico que exclui a conversa com as pessoas, a escolha da observação não-participante apareceu como a melhor alternativa.

Na última apuração, com a catadora de papel e poeta, tanto a sua história de vida, obtida por meio da entrevista, quanto o dia a dia poderiam ser experimentados através da observação participante e da observação não-participante.

Para a construção das reportagens, o gênero escolhido foi o perfil. Vilas Boas (2002) define-o como um texto biográfico curto, também chamado de *short-term biography*, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo.

Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer) (VILAS BOAS, 2002:93).

Por outro lado, o mesmo autor indica que normalmente o perfil é utilizado para construir personagens do *showbiz*, enquanto neste trabalho o critério de escolha foi o contrário: o anonimato. Pessoas conhecidas no bairro, na cidade, mas apenas isso.

Um olhar sobre a revista *piauí* também demonstra que personagens anônimos são colocados em situações semelhantes a celebridades. É o caso de Marinete Campos, protagonista da reportagem *Trilha desmatada com mel*, da edição 37, de outubro de 2009. Ela é depiladora, mas de pessoas famosas ou com alto poder aquisitivo. O texto traz inclusive nomes de clientes como as cantoras Preta Gil e Marina Lima e as atrizes Glória Pires e Carolina Ferraz, além de famílias como a Marinho. Outro exemplo é a reportagem *Retrato de um homem livre*, escrita por Roberto Kaz, na edição 7, de abril de 2007, cujo subtítulo traz aspectos de humor: *Como fruir de um chá na academia brasileira de Letras e um encontro de Alcoólatras Anônimos*. Nesta reportagem, o personagem só ganha nome no terceiro parágrafo. Antes disso, é um senhor trajando um casaco velho, uma gravata de marca, mas desfiada, calça manchada, indo para o chá dos membros da Academia Brasileira de Letras. Ele não é um deles, mas o registro é de alguém que faz questão de se dizer conhecido ali:

À boca pequena, o homem comenta:

- Alberto da Costa e Silva, cadeira nove. Grande amigo meu.
- Evanir Bechara, cadeira 33. Uma doçura humana.
- Ariano Suassuna, cadeira 32. Imortal *superstar*.
- Paulo Coelho, cadeira 21. Quase não vem. Quando o ex-secretário estadual de Educação, Arnaldo Niskier, passa a dois metros de

distância, ele não se contém: “Professor Arnaldo, cadeira 18, muito prazer!” (PIAUÍ, abr. 2007:18).

Apesar disso, contradizendo essa personalidade, o autor narra a reação do personagem citado: “O imortal estanca, o encara com um quê de assombro – e segue viagem”. O personagem principal se chama Heber Trinta Filho e o texto se foca na personalidade do “maior especialista em programação cultural gratuita da cidade”.

Além do enfoque em personagens inusitados, famosos ou não, percebemos também estratégias narrativas como o humor, a ironia, o uso de figuras de linguagem, a presença do *eu*, ou seja, do narrador onipresente, entre outras, que se aproximam da perspectiva traçada por Olinto (2008). O autor considera o jornalismo como literatura do imediato, sujeito às pressões do tempo e do espaço, mas ainda assim conservando as mesmas possibilidades de produzir obras de arte.

Medina (2008) é outra autora que constrói uma argumentação não circunscrita a conceitos pré-estabelecidos, mas enlaçada à necessidade de uma reinvenção do jornalismo por meio do uso dos sentidos e do trânsito em outras áreas do conhecimento. Isto inclui a sociologia, a filosofia, a literatura, cujas aproximações com o jornalismo são feitas por vários estudiosos, como Bulhões (2007) e Antonio Olinto (2008). Na *piauí*, os profissionais passeiam por outras áreas. Dorrit Harazim e João Moreira Salles pelo cinema, Maklouf de Carvalho pelo direito, entre outros.

De outra perspectiva, Berger e Luckman (2001) tratam o jornalismo como uma construção social da realidade. Para eles, o desenvolvimento humano está submetido a uma contínua interferência socialmente determinada, ou seja, a uma multiplicidade de determinações socioculturais. Assim, embora haja um ambiente natural particular, há também uma construção, ou seja, o homem produz a si mesmo.

Os pressupostos genéticos do eu são, está claro, dados no nascimento. Mas o eu tal como é experimentado mais tarde como uma identidade subjetiva e objetivamente reconhecível, não é. Os mesmos processos sociais que determinam a constituição do organismo produzem o *eu* em sua forma particular, culturalmente relativa (BERGER e LUCKMANN, 2001:73).

Para os mesmos autores, as ações humanas tornadas habituais adquirem um caráter significativo para o indivíduo. Sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores, ocorre uma institucionalização. Por sua vez, as instituições incorporam-se à experiência do indivíduo por meio dos papéis. Estes são um ingrediente essencial ao mundo objetivamente acessível de qualquer sociedade, pois ao

desempenhá-los o indivíduo participa de um mundo social. Ao interiorizar esses papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele.

É nesse sentido que consideramos “vivência” de uma perspectiva ampla: o sujeito histórico e social, cuja personalidade foi construída a partir de experiências singulares, capaz de experimentar uma realidade diferente e de ter a sensibilidade de captar nuances muitas vezes ignoradas. Por sua vez, este pode escrever sobre a vivência alheia com as mesmas possibilidades de quem escreveria um livro de literatura. Medina (1988) também discorre sobre a sensibilidade no momento da apuração:

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para *sentir* quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária a do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado (MEDINA, 1988:30).

Contudo, mesmo considerando a possibilidade de aproximar-se da literatura, Bulhões (2007) não deixa de observar que esta é uma área espinhosa. Portanto, a exemplo da observação participante, não-participante e do próprio perfil, escolhemos a linguagem a partir de técnicas literárias para a construção das reportagens justamente por suscitar discussões, além de não ser comum a todos os veículos de comunicação.

É, portanto, “a margem”, mas uma tentativa de explorar riquezas e potencialidades da narrativa, como faz também a *piauí*, a partir de sua proposta editorial. Há uma variedade de temas, em detrimento à segmentação, cada vez mais comum. Além disso, há humor e a liberdade de linguagem e formatação, ao invés dos modelos consagrados de codificação da mensagem jornalística, entre outras estratégias. O resultado é a vivência da realidade alheia, expressada pela realização da pesquisa e a análise da forma singular como a revista *piauí* constrói a realidade.

### **Vivenciando a realidade alheia**

A primeira reportagem, intitulada *Rei da Pelada*, foi feita com o jogador de futebol amador Victor Hugo da Cas, que, em 2008, completou 1000 gols na carreira, contados em campeonatos oficiais da cidade de Santa Maria (RS). A técnica para a construção da narrativa foi a entrevista.

Segundo Cremilda Medina (1988),

[...] a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (MEDINA, 1988:8).

Seguindo esta trilha, Medina (1988) motiva ultrapassar a simples técnica, restrita a obter respostas pré-pautadas por um questionário, e propõe que haja um diálogo. É nesta noção que a reportagem apóia-se, com as informações dispostas através de relatos, como no trecho que dá início à história:

Dois tijolos de cada lado indicavam os limites do gol. Os meninos descalços, mas sempre devidamente uniformizados, corriam pela rua de paralelepípedos, defendendo o respectivo time.

- Lá vem o carro! Corre, corre - gritava alguém, e lá iam eles, rapidamente recolher a bola e os tijolos.

Tão logo sumia o automóvel, o campo estava montado novamente. Continuavam correndo, os pés imundos, a sujeira cobrindo arranhões, cortes, unhas machucadas. Nada os impedia de continuar a pelada na Rua Amazonas, em Porto Alegre (RS).

Apesar de parecer uma descrição completa, o trecho omite expressões que podem ser importantes e reveladoras: o sorriso diante deste fato ou até mesmo o descontentamento ainda expressado diante de outros acontecimentos, como a oportunidade perdida de se tornar um jogador profissional:

Vinte e dois seriam escolhidos entre os quase 500 garotos. Era um gremista, com talento e cheio de vontade. Contudo, era um pontinho tricolor no meio da multidão, o que não foi suficiente para fazê-lo desistir.

- Peguei a bola, percorri o campo e quase fiz o gol!

Quase, mas o suficiente para que fosse escolhido. Voltou para casa empolgado.

- Pai, mãe, consegui!

- Mas filho, agora você deve começar o pré-vestibular, não pode mais pensar em futebol! – o pai não deixou opções.

Estas informações são resultantes da entrevista, através de perguntas que inicialmente poderiam parecer insignificantes, mas que ajudaram a contar a história, se aproximando da narrativa de alguém que viveu a cena, como a decepção que sentiu diante desta e de outras decisões do pai:

Outra oportunidade surgiu. Dessa vez, no Internacional. Quem sabe conseguiria conciliar sonho e realidade. Duzentos meninos

aguardavam a chance de se apresentar. Uma verdadeira peneira. Novamente, ele foi um dos escolhidos e além de tudo os treinadores ofereceram ajuda de custo e todas as despesas pagas para que seguisse uma carreira também no atletismo.

- No Internacional filho? Nem pensar. No Grêmio, vá lá, mas no Inter! Se for, vai ter que sair de casa!

Era uma decisão taxativa.

Na edição 30 da revista *piauí*, de março de 2009, Vanessa Bárbara abre a reportagem *Sem xixi na galocha* com um episódio ocorrido em 1909, em Londres, na Inglaterra. Vinte e quatro garotas se infiltraram em uma reunião na qual participavam 11 mil meninos e cujo objetivo era encontrar o criador do escotismo.

Dentro do palácio, filas de rapazes, com seus totens e chapéus, desfilavam e saudavam Baden-Powell, que, satisfeitíssimo, inspecionava as tropas. Seu humor azedou quando vislumbrou o grupinho de fedelhas num dos cantos da arena. Elas ainda tentaram se esconder, mas ele se aproximou a passos largos e inquiriu: “Que diabos vocês estão fazendo aqui?” A líder das meninas respondeu: “Queremos fazer a mesma coisa que os rapazes, queremos ser escoteiras.” Baden-Powell respondeu que era impossível, mas, mais tarde, disse que ia pensar no caso (PIAUÍ, mar. 2009:26).

Ela não participou da cena, mas há um arsenal de pormenores que permitem visualizar o episódio, como se estivéssemos vivendo-o também. De certa forma, isso elucidada que o resultado de uma reportagem depende de cada profissional. Muitas vezes, mesmo com a proposta de separar as técnicas, é inevitável esbarrar na necessidade de observar algo, quando se trata de uma entrevista, e até mesmo de entrevistar, quando se trata da observação participante, proposta da reportagem seguinte: *Vai uma carrapinha, aí?* O personagem escolhido foi o vendedor de carrapinha Gilceu Rodrigues da Silva, um *chef* cuja cozinha é a rua e um carrinho de 1m<sup>2</sup>, popular em Santa Maria (RS).

A observação já era percebida na metodologia de João do Rio, que nas reportagens costumava descrever aspectos do ambiente, características físicas e psicológicas. É uma forma de apuração que consiste na intervenção do jornalista na realidade narrada. Edvaldo Pereira Lima (1993) define como a vivência do real:

Sentir, perceber, emocionar, usar o potencial sensorial do corpo [...]. Não há como retratar a realidade senão com cor, vivacidade, presença. Isto é, com mergulho e envolvimento total nos próprios acontecimentos e situações, os jornalistas tentando viver, na pele, as circunstâncias e o clima inerente ao ambiente de seus personagens (LIMA, 1993:122).

A tentativa de materializar esse conceito ocorre em trechos como este, que também colocam o repórter como sujeito, participante da realidade narrada:

A barriga saliente do vendedor e os braços sempre em movimento ocupam quase todo o comprimento do carrinho. Faço a volta e me prostro ao lado da panela, a tempo de ver a tampa trepidar, a fumaça escapando do calor insuportável.

O aroma suave do amendoim percorre a quadra, como um menino travesso em busca de confusão. Uma senhora com uma sacola de compras abarrotadas caminha a passos curtos e rápidos, fita o preparo, especula com o olhar.

Nesta técnica de apuração, a experiência é determinante para o andamento da reportagem e depende do jornalista a construção de um bom texto. Na *piuí*, essa experiência, somada a temas curiosos e à criatividade, é responsável por reportagens como “*Dormir, nunca mais*”, feita pelo jornalista e escritor americano D.T Max e publicada na edição 6, de março de 2007. O enfoque é uma moléstia, tratada como “misteriosa”, que mata de insônia membros de uma família Veneziana. Mesmo com a constatação de se tratar de uma doença, há uma probabilidade instigante: a insônia fatal ocorre em um para 33 milhões, mas na família a proporção é de um para dois. O fato fez cientistas associarem a realidade à ficção, conforme o relato:

A patologia cruel da IFF mexe com a imaginação, mesmo a dos cientistas. Um pesquisador de príons me contou que a família de Elisabetta trazia à sua memória os habitantes da cidade de Macondo, que não dormiam, congelados em seu “estado de lucidez alucinada”, no romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez (PIAÚÍ, mar. 2007:27).

Interessante perceber que Max ousa fazer a própria comparação, em primeira pessoa, no trecho seguinte:

Já eu não parava de pensar nos contos de Edgar Allan Poe, em que a fronteira entre a consciência, o sono e a morte fica ameaçadoramente difusa. Em especial, o conto “Fatos do caso do senhor Valdemar”, em que um médico narra a história de um paciente que, embora sem sinais vitais, ainda é capaz de responder perguntas por meio de hipnose. [...] Após mais dois meses de doença, vemos na fita o seguinte: uivos no meio da noite, os braços e as pernas retorcidos em volta de si mesmos. Nos últimos dias de vida, ele jaz inerte, em uma nulidade contraída e esgotada. “O senhor está morto?”, pergunta o médico a Valdemar, no fim do conto de Poe. A resposta de Valdemar é de dar calafrios: “Pelo amor de Deus, rápido!... rápido!... faça-me dormir... senão, rápido!... acorde-me!... rápido!... eu lhe digo que estou morto!” Assim era Silvano (PIAÚÍ, mar. 2007:27).

No caso da observação, a principal diferença entre a participante e a não-participante, técnica da terceira reportagem, é que esta última conta apenas com o jornalista e seus sentidos. O personagem escolhido foi uma estátua viva, que faz performances no centro de Santa Maria (RS). A apuração foi um desafio, pois o único momento que se deslocou significativamente foi durante a chegada:

O relógio digital do calçadão de Santa Maria (RS) marcava 1h36 quando avistei a figura dourada da cabeça aos pés, asas de anjo, movendo-se lento, como um pássaro que encaramos de longe. [...]

Silêncio absoluto. Nenhum cumprimento ou balbucio. Enlaçava uma caixa retangular de madeira, com cerca de 1m<sup>2</sup>, sobre a qual estava um pedaço de cetim amarelo. Em uma das mãos segurava um pequeno pedestal de plástico, no qual letras impressas em caixa alta traziam a inscrição: “ESTÁTUA MENSAGEIRA. CONTRIBUA COM ELA E GANHE UMA MENSAGEM”.

Sem pressa, revesti a caixa com o cetim, prostrou o pedestal à frente e subiu. Estava pronto para trabalhar. Agora era o ator no seu palco.

Por outro lado, embora o personagem seja praticamente estático, é uma intervenção, ou seja, modifica o ambiente, suscita emoções nos transeuntes, como é possível perceber através do relato:

Trata-se de uma adolescente morena, alta, blusa lilás, calça jeans, o cabelo escuro preso num coque. Pára, olha para a figura imóvel, vira-se, abre a minúscula bolsa e se põe a vasculhar, à procura de algum dinheiro. Um minuto depois, retira uma moeda e coloca no buraco feito no alto do pedestal.

A estátua se move, vagorosamente, movimentos pesados, como se despertasse de um sono profundo. Estica o braço esquerdo, beija um dos papéis que segura na mão e o entrega a ela.

A menina chama a amiga e as duas se juntam para ler a mensagem, enquanto o ator voltava à posição de estátua.

Todas as constatações e formulações teóricas foram pertinentes, sobretudo para a última reportagem: “*Império de Papelão*”, realizada com a utilização de todas as técnicas propostas. A personagem foi a catadora de papel e poeta Tereza Moraes Marques da Silva.

Em todos os casos, trata-se do relato de uma experiência, cujas partes foram cuidadosamente escolhidas, o que também é independente da técnica. O trecho a seguir, por exemplo, se passou durante a apuração e já no início da conversa revela algo importante sobre a protagonista da reportagem.

[...] não tinha idéia que conheceria uma princesa, até adentrar na cerca, deixando para trás as pegadas na lama, fitar à frente uma

montanha de lixo, limpar os pés no tapete rasgado, dar sete passos até uma cama de casal capenga e perguntar qual é a identidade daquela que ali repousa.

- Tereza Moraes Marques da Silva – responde-me com um sorriso.

Mal consigo esboçar um sorriso de volta, ouço-a completar:

- Nome de princesa.

- Sim, de princesa. Marques da Silva ela herdou de mim - o marido aparece no pequeno espaço, entre um guarda-roupa e um armário, para completar.

- Na verdade, todo mundo diz que é de princesa e é mesmo – Tereza é rápida para rebater a informação.

Refletindo sobre a cena, muito pode ser compreendido. Tereza se considera de fato uma princesa, mesmo vivendo em um barraco e sendo uma catadora de papel. Além disso, ao confrontar a afirmação do marido, que é o terceiro, também há indícios de uma relação não muito amistosa, como depois se confirma, através do diálogo a seguir e de uma poesia publicada em um dos livros de Tereza<sup>1</sup>:

- Às vezes a gente quer um carinho, um agrado, e nada.

Gilberto aparece novamente no quarto para se defender.

- Ah, não é bem assim – pronuncia com a voz grave e rouca, como de narrador de futebol.

Percebo que a relação dos dois não tem vírgulas, nem lacunas ou parênteses. Tudo é aberto, sincero e Tereza não pensou duas vezes ao publicar a poesia “Te Quero”, no segundo livro, com dedicatória especial a Gilberto:

“Eu te quero como  
Tu és impliquento  
Beberrão e nojento  
Te quero no frio  
No calor em espinhos [...]

Te quero de manhã  
De tarde e de noite  
Mas não te quero como meu esposo  
Desejo-te para outra mulher”.

Nesse trecho há informações obtidas de diferentes formas, mas em todos os casos, mesmo com métodos distintos, houve a preocupação de se contar uma história, seguindo os passos de autores como Walter Benjamin (1994). Ainda na década de 30, ele realçava que a arte de narrar, ou seja, “a faculdade de intercambiar experiências”, estava em vias de extinção, justamente porque as ações da experiência estariam em baixa (1994:198).

<sup>1</sup> No total, foram três livros, publicados com a ajuda da Fundação Municipal de Cultura de Santa Maria. A tiragem de cada um foi de 300 exemplares.

Apesar de lamentar que a arte de narrar pudesse se extinguir, o autor é otimista ao dar definições de boas histórias e de como chegar até elas: “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994:201).

Participar dessa vida significa juntar as peças e compreender os entulhos de imaginação, lixo e luxo que há ali.

Sei apenas que essa é Tereza, “Princesa” de um concurso de beleza, cuja faixa foi escrita por alguém que pouco conhecia contos de fada ou a língua portuguesa. Sei que esta é Tereza, que faz questão de dizer que concluiu um curso de informática, mas cujo único bem para utilizar os conhecimentos adquiridos jaz submerso em escombros na sala de estar, em forma de tela escura. Sei que esta é a mulher que sempre sonhou ser famosa e que agora vejo refletida na tela da TV desligada. Não é como ela sempre quis, mas, ao menos, é um lado real do conto.

O trecho acima põe fim à última reportagem, sobre a catadora de papel e poeta. Trata-se de um ponto de vista sobre a vida daquela princesa, que teve a vida descoberta por um repórter. Como definiu Benjamin (1994) sobre a função de um narrador, é uma experiência relatada, com impressões pessoais, mas baseadas em exemplos concretos.

Apesar de não ser comum e muitas vezes significar um risco, a narrativa baseada em impressões do repórter tornou-se constante em veículos de comunicação como a revista *piauí*, objeto de estudo da dissertação que iniciou em 2009 e cuja conclusão está prevista para 2011.

Na revista, os pontos de vista são nítidos, mas apoiados em informações e depoimentos. Exemplo disso está na série de reportagens sobre o Supremo Tribunal Federal (STF), nas edições 47, 48 e 49, de agosto, setembro e outubro de 2010. A abordagem é impulsionada por conflitos que atraem a atenção do leitor desde o subtítulo da primeira reportagem, *Data Vênia, o Supremo*: “Picuinhas se imiscuem em decisões importantes, assessores fazem o serviço de magistrados, ministros são condenados em instâncias inferiores, um juiz furta o sapato do outro – como funciona e o que acontece no STF”. Os juízos de valor são complementados por episódios em que é evidente aquela impressão:

Quando o presidente Gilmar Mendes ia proclamar o resultado, o advogado do condenado apelou pelo bom-senso: que os dois acusados fossem absolvidos. O ministro Ayres Britto, num mau momento, sugeriu a suspensão do prazo de prescrição, como se fosse possível. [...] Diante do bafafá e da pressão, um constrangido Lewandowski

disse: “Eu reajusto o meu voto e absolvo ambos os réus [...]” (PIAUI, ago. 2010:37).

O caso em pauta era uma ação contra dois deputados federais denunciados por fraude em licitação. Esta tramitava no Supremo Tribunal Federal desde 2007 e prescreveria no dia seguinte – por isso a ironia em “como se fosse possível” suspender o prazo, pois isso beneficiaria os réus, mesmo se houvesse provas suficientes para condená-los. Diante disso, a cena relata a absolvição e motiva uma análise feita pelo repórter:

Órgão máximo do Judiciário e sustentáculo da República, o Supremo Tribunal Federal é uma instituição que toma decisões de afogadilho, sem muita lógica – como a mudança de voto de Lewandowski. Mas sempre as recobre de pompa, de um linguajar precioso que faz sobressair as observações maldosas. Picuinhas se imiscuem em discussões importantes. Assessores fazem o serviço de magistrados. Há ministros que foram condenados em instâncias inferiores. Um, cujo pedido de impeachment só não foi encaminhado ao Senado porque o corporativismo prevaleceu. Outro, que chamou o colega de chefe de capangas. Até a eleição do seu presidente se dá em terreno incerto. (PIAUI, ago. 2010:37).

De acordo com o editor João Moreira Salles, o objetivo da revista é levar a informação sem o vício do comentário pessoal. Por isso, privilegia o relato dos fatos. Como exemplificado anteriormente, até mesmo as impressões pessoais são “justificadas” pelas situações. A análise demonstra que o mesmo ocorre nas demais narrativas da revista, bem como há outras manifestações na imprensa brasileira elucidando que esta forma singular de construir a realidade pode ser uma possível tendência, assumida por diversos veículos de comunicação ao longo do tempo, como a revista *Realidade* e *O Pasquim*, e retomada por profissionais e veículos como a *piauí*, embora diante de um novo contexto histórico, novos personagens e cenários.

### Uma possível tendência

Pelo menos no que se refere ao jornalismo interpretativo, a experiência relatada neste artigo e as reportagens de *piauí* sugerem que é possível ultrapassar o caráter efêmero e chegar à contemporaneidade, ou seja, construir narrativas com temas e enfoques que não se tornem ultrapassados no dia seguinte.

O jogador de futebol provavelmente fez mais alguns gols, a estátua de rua pode ter mudado de emprego ou de local, o vendedor de carrapinha pode ter se tornado dono

de uma *lan house*, seu sonho na época, e a catadora pode ter lançado outros livros ou trocado de marido. Porém, suas histórias não mudaram.

Na *piauí*, um exemplo de contemporaneidade é a reportagem *Fantasia para piano*, publicada em fevereiro de 2008. O início do texto narra um episódio que ocorreu em 1989 e alguns parágrafos depois já estamos em 2007. O texto, sobre a pianista Joyce Hato, que só ficou conhecida poucos meses antes de sua morte, foi publicado meses depois de ser iniciado, com uma história acontecida principalmente na década de 80. Porém, continua atual, pois houve uma atualização, para que conseguíssemos ler através de um olhar contemporâneo.

A reportagem *Mares nunca dantes navegados*, da edição 34, de julho de 2009, é outro exemplo. O objetivo da narrativa era contar a história da personagem, a então Ministra da Casa Civil Dilma Rousseff. Ao checar as informações, o repórter Luiz Maklouf Carvalho descobriu algumas inconsistências. O site oficial da Casa Civil informava que a ministra é mestre em teoria econômica pela Universidade de Campinas (Unicamp) e doutoranda em economia monetária e financeira pela mesma universidade. Da mesma forma, na Plataforma *Lattes*, na base de dados de currículos e instituições das áreas de ciência e tecnologia, o currículo registrava um mestrado em ciência econômica, na Unicamp, em 1978-1979 e um doutorado em andamento, mas durante a apuração o autor descobriu equívocos nos dados:

“Dilma Vana Rousseff nunca se matriculou em nenhum curso de mestrado na Unicamp”, informou o diretor de registro acadêmico Antônio Faggiani. Pedi que, além de consultar no sistema informatizado, ele verificasse também o arquivo morto, que abriga os documentos em papel da Unicamp. Isso feito, Faggiani confirmou a informação: “O que existe, oficialmente, é a matrícula no curso de doutorado, em 1998, abandonado em 2004, quando acabou o prazo para a integralização dos créditos” (PIAÚÍ, jul. 2009:29).

Esse acontecimento, revelado pela revista, se transformou em manchete de outros veículos de comunicação, inclusive de jornais, que valorizam o caráter factual e imediato do presente. Neste caso, no entanto, prevaleceu outra característica de um fato para se tornar jornalístico: a novidade. De certo modo, esses exemplos ilustram que o jornalismo pode vincular-se ao presente sem que isso necessariamente signifique imediatismo e ser novo sem obrigatoriamente noticiar o acontecido no dia anterior. Essa capacidade dá ao jornalismo a possibilidade de se transformar em arte e até mesmo em literatura, conforme a associação feita por Olinto (2008), para o qual “o dilema,

perigoso e sutil, que o jornalista tem de enfrentar, é o da atualidade e da permanência” (OLINTO, 2008:42). Durante os meses de captação, outro jornal ou revista poderia revelar as informações antes. Ainda assim, o repórter optou pelo término da apuração e muitos dados continuaram novos.

Um indicativo de que esta é uma possível tendência é a aceitação da revista no mercado editorial. De acordo com o idealizador, o cineasta João Moreira Salles, ela foi criada com a intenção de ser incomum, diante da constatação de que não havia no Brasil nenhuma publicação que reunisse tudo o que se gostava de ler: bons textos de ficção, reportagens com abordagens e temas variados, quadrinhos, entre outros, que se materializaram com a criação do veículo. Como resultado, a projeção feita para a primeira edição, em outubro de 2006, foi de 10 mil exemplares, mas foram vendidos 32 mil e na edição de janeiro de 2010 a tiragem foi cerca de 70 mil.

Também é possível aferir, através de registros, que as revistas que tiveram um papel proeminente destacaram-se por terem uma linha editorial diferenciada, sobretudo por inovações no texto. É o caso de *O Cruzeiro* que, de acordo com Scalzo (2004), introduziu a reportagem e também *Realidade*, que a mesma autora declara ter se apropriado do gênero e construído reportagens com um padrão até então desconhecido no país.

Para muitos profissionais, experimentar a realidade, como feito nesta pesquisa e como fazem os repórteres da *piauí*, é um privilégio. Mais do que isso, é um privilégio experimentar e poder retratá-la com liberdade, exercendo a possibilidade e até mesmo o direito de ser autor.

Em *piauí*, encontramos o repórter ali, presente, por meio da sensibilidade na escolha de informações, na linguagem, no humor ou até mesmo revelando-se no texto. Essa emancipação é permitida e instigada aos repórteres e colaboradores da *piauí*. Desde a capa até as sessões, quem escreve tem liberdade para preparar como quiser, o tempo que for necessário. Neste caso, o “autor” ocupa um lugar privilegiado, ele mesmo decidindo seu lugar na narrativa.

Medina (2006) afirma que há uma crise de paradigmas no jornalismo atual e para tal cenário ela propõe justamente o resgate da autoria como elemento chave da prática profissional. O jornalista é considerado mediador-autor de uma comunicação dialógica, dialética e responsável. “Esse vaso comunicante não é um difusor que conforma o grande público, mas um artesão criativo do diálogo transformador da ciência e do saber cotidiano” (MEDINA, 2006:14).

Para Kovach e Rosenstiel (2003), jornalismo é contar uma história com a finalidade de fornecer às pessoas a informação que precisam para entender o mundo, mas há dois desafios: o primeiro é encontrar a informação que as pessoas precisam para suas vidas. O segundo é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente.

Um dos empecilhos, citados pelos próprios autores, é o tempo, luxo cada vez mais raro, e outro privilégio do projeto e da *piauí*. Por outro lado, também é necessária uma sensibilidade acurada, um olhar para ter condições de organizar da melhor forma as informações e cumprir a função do jornalismo. Conforme Medina (2008:107) “a plenitude dos cinco sentidos no repórter afeto ao acontecimento lhe dá condições para ensaiar uma compreensão da dinâmica do caos em seus múltiplos códigos”.

De forma geral, os repórteres da *piauí* então mais uma vez na rua, à moda antiga, percorrendo trajetos arenosos, pedregosos, subindo morros, escalando a realidade social, vivenciado a realidade alheia. Ao mesmo tempo, utilizam metáforas, onomatopéias e outras figuras de linguagem, narração em primeira pessoa, descrição de cenas. Características que encontramos em textos literários, mas dificilmente em um veículo de comunicação. Esta discussão do jornalismo como literatura continua em uma área espinhosa, mas, enquanto as divergências se acentuam, as convergências se renovam, conforme observou Bulhões (2007).

Acentuam-se os limites entre ficção e realidade. Afinal, o jornalismo tem como premissa a busca pela verdade e na *piauí* há, até mesmo, um setor responsável pela checagem de informações – algo raro. Convergem as técnicas literárias, que podem servir ao jornalismo e ao jornalista para suavizar, tornar atraente e sensível um texto aos leitores, ouvintes ou espectadores, como já fazem os repórteres da revista estudada.

Ao optar por esta experiência e escolher a *piauí* como objeto de estudo, com todas as ressalvas necessárias, nos preocupamos em delinear uma proposta motivacional e, considerando todas as dificuldades e limites do jornalismo contemporâneo, assumimos uma postura de rompimento em relação a modelos e fórmulas reproduzidos geração após geração de profissionais. Isto não significa negá-las ou desconsiderar sua importância, mas alcançar alternativas igualmente significativas à prática jornalística.

Portanto, é, sobretudo, a tentativa de buscar o epítáfio nas narrativas propostas por Benjamin (1994) e tratar o repórter como um contador de histórias de vida, imerso na realidade alheia e sensível para relatá-la com a emoção de quem vivenciou algo.

As reportagens demonstram caminhos possíveis para diversas situações da prática, muitas vezes aparentemente intransponíveis, como a impossibilidade de

entrevistar alguém. Isto ocorreu na reportagem que utilizou a observação não-participante e também em um dos perfis mais famosos da história: *Frank Sinatra está resfriado*, em que Talese (2003) constrói uma narrativa com detalhes e informações conseguidas apenas com a observação e as entrevistas com pessoas próximas ao músico.

Todas essas argumentações e exemplos não excluem as técnicas consagradas, como o *lead* e a pirâmide invertida, pois elas continuam servindo ao jornalismo, sobretudo diário. Contudo, as possibilidades são muitas e a criatividade depende de cada repórter, preocupado com o jornalismo. Não há como traçar um perfil exato do público e o que ele quer, mas ele espera novidades e um olhar singular sobre as múltiplas realidades. Porém, o singular pode estar nas coisas mais simples, não em gavetas, que o repórter vasculha quando o entrevistado vai buscar algo, como nos filmes.

Um exemplo disso está no conto *A Carta Roubada*, de Edgar Allan Poe (2006). O rei precisava esconder uma carta muito importante, mas nenhum lugar parecia suficientemente seguro. Até que resolve colocá-la num quadro, bem à vista. Todos a procuram, mas ninguém a vê, pois não imaginam que aquela carta que se expõe tão escandalosamente seja a carta secreta.

Exemplos como as reportagens ou veículos como a *piauí*, sugerem possibilidades existentes, não novas, mas muitas vezes relegadas “à margem”. Sair ou permanecer nessa condição é uma atitude, pessoal e também editorial. O importante é suscitar a reflexão e o diálogo, sem preconceitos. A teoria e a prática, assim, tornam-se aliadas do bom jornalismo.

## Referências

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. **Notícia, um produto a venda:** Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

\_\_\_\_\_. **O signo da relação:** comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ciência e jornalismo:** Da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura.** Porto Alegre: Já, 2008.

POE, Edgar Alan. **A Carta Roubada e Outras Histórias de Crime e Mistério.** Porto Alegre: L&PM, 2006

ROSA, João Guimarães. À terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. **Primeiras Estórias.** Editora Nova Fronteira: São Paulo, 2005.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato.** Companhia das Letras: São Paulo, 2003.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista.** São Paulo: Contexto, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias e biógrafos:** Jornalismo sobre personagens. Summus Editorial: São Paulo, 2002.